

A graça de Deus: caminho interior à fé e à salvação

God's Grace:
interior path to faith and salvation

JAIR LUÍS REIS*

Resumo: Nesta nossa reflexão queremos mostrar alguns aspectos imprescindíveis da fé cristã. Para isso, partimos da certeza teológica de que mesmo antes de o ser humano pensar em crer, Deus já está agindo com sua graça, concedendo todas as possibilidades para a resposta, a qual ocorre mediante a ação livre do ser humano. Essa mesma graça não aniquila a natureza, ao contrário, a aperfeiçoa e a potencializa, já que abre ao ser humano o caminho à fé e à salvação. E a resposta de salvação acontece na fé em Jesus Cristo e trata-se de um ato pessoal e coletivo, o que já sinaliza a importância e a razão de ser da Igreja.

Palavras-chave: Graça. Revelação. Liberdade. Fé. Salvação. Igreja.

Abstract: In our reflection we want to show some essential aspects of the Christian faith. For this, we start from the theological certainty that even before the human being thinks of believing, God is already acting with his grace, granting all the possibilities for the response, which occurs through the free action of the human being. This same grace does not kill nature, on the opposite, it improves it and empowers it, since it opens the way, for human beings, to faith and salvation. And the answer of salvation happens in the faith in Jesus Christ and it is a personal and collective act, which already signals the importance and reason of being of the Church.

Keywords: Grace. Revelation. Freedom. Faith. Salvation. Church.

A reflexão do artigo está centrada na teologia cristã e tem como tema um de seus tratados fundamentais, isto é, a graça de Deus. Queremos pontuar implicações e relações fundamentais atinentes à temática e enfatizar alguns de seus elementos centrais. Como abordagem introdutória começamos a esboçar uma definição.

* Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, coordenador e professor da graduação da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro. E-mail: prof.jair@yahoo.com.br

Definição de graça

O ser humano é configurado pela graça de Deus e isso é algo que o acompanha para sempre e impreterivelmente, sendo essa oferta (graça) algo permanente e comum a todo ser humano¹. Daí ser compreensível que, mediante essa determinação, já estejam dados ao ser humano o “primeiro princípio da Revelação e, por conseguinte, a possibilidade da fé”².

São Paulo mostra que a graça é o evento que comunica o desígnio salvífico de Deus (cf. Rm 2,28-29). Por isso a sua compreensão desponta como evento e “realizado na obra salvífica de Deus com o ser humano”. E não podemos esquecer que as diferentes dimensões da graça fazem alusão aos seus diferentes aspectos.

Por isso diz Santo Tomás “quando dissemos que o homem tem a graça de Deus, isso significa que uma realidade sobrenatural lhe é comunicada por Deus”³. Trata-se, assim, “da presença favorável de Deus e do dom do amor que ele faz de si mesmo ao se comunicar à criatura livre”⁴.

O catecismo ensina que “a graça é o *favor, o socorro gratuito* que Deus nos dá, a fim de respondermos ao seu chamamento para nos tornarmos filhos de Deus (50) filhos adotivos (51) participantes da natureza divina (52) e da vida eterna (53)⁵. E continua:

... é uma *participação na vida de Deus*, introduz-nos na intimidade da vida trinitária: pelo Batismo, o cristão participa na graça de Cristo, cabeça do seu corpo; como “filho adotivo”, pode doravante chamar “Pai” a Deus, em união como seu Filho Unigênito; e recebe a vida do Espírito, que lhe infunde a caridade e forma a Igreja”⁶.

Assim, Deus se aproxima do ser humano pela sua Palavra eterna e espera a acolhida do mistério revelado na pessoa de Jesus Cristo. A iniciativa desse ato é totalmente divina. Pelo seu chamado interno (na graça), capacita a pessoa humana a receber a Palavra. Com isso a fé é oferta divina e resposta humana (graça e liberdade)⁷. A nossa fé remete-nos indubitavelmente a Jesus Cristo,

¹ GARCÍA-ALÓS, J. L. M., *Existencial sobrenatural*, p. 60.

² RAHNER, K., *Existencial II: Theologische Anwendung*. In RAHNER, K. (Org.) *Sacramentum mundi*, v. 1, p. 1299.

³ (STh, Ia-IIae, q. 109 *apud* SESBOÛÉ, B. (Org.). *O Homem e sua salvação*, São Paulo, Loyola, 2003, p. 273).

⁴ *Ibid.*

⁵ CEC, n. 1996.

⁶ CEC, n. 1997.

⁷ Cf. ALFARO, J., *Glaube*. In RAHNER, K. (Org.) *Sacramentum mundi*, v. 2, p. 390-391.

porque Ele é seu “meio”, “fundamento” e “fim”. Por isso, nela, voltamo-nos ao mistério de Cristo, o qual também é seu conteúdo fidedigno, porque autotestemunho de Deus⁸.

Relação entre natureza e graça

O ser humano foi criado perfeito, equilibrado e íntegro, mas o pecado corrompeu essa sua condição. Por isso, ele precisa da graça para poder se salvar. Ela é dom gratuito. Não é conferida por causa de méritos humanos. E sobre essa verdade Agostinho é muito insistente, isto é, a graça não é dada como recompensa por algum mérito humano, ou mesmo, devido a uma dignidade natural.

A graça de Deus não corrompe a natureza, ao contrário, como afirma Santo Agostinho, a “aperfeiçoa, enobrece, cura e santifica o homem”⁹. Com isso o santo reconhece o valor da natureza, porém, não sem acrescentar que, se essa for deixada a si própria, não possui nenhuma potencialidade, a não ser para o pecado.

A mesma abordagem encontramos no apóstolo Paulo quando diz “trabalhei mais que todos, embora não eu, mas a graça de Deus que está comigo” (1Cor 15,10). O mérito é todo do amor infinito de Deus pelo ser humano.¹⁰ Assim, para Agostinho, a graça possui uma clara conotação cristológica, ou seja, ela decorre dos méritos de Jesus Cristo e “a graça não é a natureza, mas o que salva a natureza”¹¹.

Contudo, ela não realiza tudo por si própria, visto que necessariamente conta com a cooperação humana. Ela nos constitui cooperadores de Deus, isso porque, além de perdoar nossos pecados, “faz com que o espírito humano coopere na prática das boas obras: nós agimos, mas Deus opera em nós para agir”. Por isso, a natureza e a graça não são opostas, nem se destroem, ao contrário, se entrelaçam e se irmanam. Dessa forma, a graça é dada gratuitamente. O que justifica o ser humano é o sangue de Cristo,¹² daí a necessidade da fé em Cristo.

Para aprofundar ainda mais esta relação, focaremos nossa reflexão agora nas categorias “natural” e “sobrenatural”.

⁸ Cf. *Ibid.*, p. 395.

⁹ AGOSTINHO, Santo. *A Graça*, v. 1, São Paulo, Paulus, 1999, p. 106-107.

¹⁰ *Ibid.*, p. 107.

¹¹ *Ibid.*

¹² Cf. *Ibid.*, p. 115.

Natural e sobrenatural

A categoria “natureza” não vem empregada com frequência no Novo Testamento. O termo adquire uma significação madura e um significado preciso com Santo Tomás. Ele reconhece “na inclinação natural, um dinamismo que move a natureza para a autorealização”, a qual se vê direcionada para Deus.

A categoria “sobrenatural” vai aparecer mais tarde no âmbito cristão. Na patrística, faz menção aos acontecimentos ou realidades que possuem um caráter extraordinário e miraculoso, que evidenciam sua origem e pertença a Deus. Em Santo Tomás temos um avanço, mas o termo ainda se refere num sentido amplo a Deus. A reflexão sobre o natural e o sobrenatural precisa partir das certezas teológicas de que o ser humano é criado à imagem de Deus e está inserido “no mistério de Cristo”, pelo dom da graça.

Por um lado Deus nos criou e, por outro lado, nos constituiu seus filhos. Por isso estão implicados dois aspectos fundamentais “da obra de Deus em nós”, a saber, o primeiro concerne à natureza, o segundo, à graça. A natureza e o dom de Deus em nós jamais se opõem.

O ser humano em sua condição de finitude só poderá encontrar verdadeiro descanso no infinito. É o que diz Agostinho nas confissões: “Fizeste-nos orientados para ti, e nosso coração não encontrará descanso enquanto não repousar em ti”¹³. E, enquanto criatura, tem o homem necessariamente uma dimensão que o transcende e dá consistência à sua vida.

O “sobrenatural” vai “designar o que supera a natureza, ou seja, exatamente significa o que não foi criado, e assim mesmo tem repercussões na natureza enquanto criada”¹⁴. Em sua reflexão, Henri de Lubac parte do ser humano enquanto Imagem de Deus (Gn 1,26). Com isso, assinala que a pessoa humana foi criada para transcender a sua natureza, ela é chamada a ir além da ordem natural, visto que “seu destino é o sobrenatural”¹⁵.

Se afirmarmos que o ser humano está relacionado com Deus, a pergunta que pede uma resposta é: como se dá essa relação entre Deus e o ser humano? De Lubac parte da certeza metafísica de que a pessoa humana não pode definir-se se ela não levar a sério a sua relação com o Absoluto, isto é, Deus.

¹³ SESBOÛÉ, B. (Org.). op. cit., p. 315.

¹⁴ *Anales de Teologia*, v.4.2 / Outubro 2002, p. 97.

¹⁵ *Ibid.*, p. 81.

O ser humano em sua natureza, enquanto criada e finita, carrega uma dimensão espiritual que o torna desejoso de ver a Deus. E isso é comunicado por Esse Último à pessoa. E, nesse sentido, o sobrenatural vem identificado com a graça de Deus, ou ainda, com a “autodoação de Deus em Cristo”¹⁶.

Karl Rahner, para falar da vocação gratuita e sobrenatural, serve-se da categoria “existencial sobrenatural”. Com esse conceito, ele reconhece no ser humano uma “*potência obediencial*”, a qual permite ao ser humano acolher livremente a autocomunicação de Deus. E o teólogo de Freiburg, para não cair num dualismo entre natural e o sobrenatural, enfatiza que a natureza somente existe na ordem sobrenatural e assim o ser humano se experimenta.

E De Lubac completa, afirmando que Deus criou o ser humano para a visão de Deus. Diz o teólogo francês: “Deus me deu o ser; depois, o segundo benefício: ‘Deus imprimiu uma finalidade sobrenatural a este ser que Ele me deu’”¹⁷.

O mesmo teólogo afirma que não existe nada antes do dom de Deus; não há um “eu pré-existente” que recebe o “dom do ser”. Desta forma, refuta a ideia de uma “natureza pura”: “Fora da visão de Deus, o homem, permanecendo fatalmente inacabado, não conheceria jamais um fim [...] deixado somente a sua natureza, isto é, permanecendo sempre *imperfectus* [...] lançado a um céu indiferente e mudo”¹⁸.

A Tradição sempre definiu o ser humano como *capax Dei*. E essa “capacidade de Deus” vem unida ao desejo da visão de Deus, o que foi muito bem desenvolvido por Agostinho e Tomás, como também expresso em 1Cor 13,9-12. Isso vem sintetizado na *potencia obediencial*, ou seja, na radical abertura para Deus, seja a pessoa consciente ou não dessa realidade¹⁹.

Todos esses pressupostos nos permitem agora adentrar mais no cerne de nossa reflexão, a saber: as relações graça e fé, e graça e salvação.

A relação graça e fé

As diferentes conceituações, que apresentam distintas dimensões da graça, não devem fazer com que esqueçamos que ela é, acima e antes de tudo, a “benevolência amorosa de Deus para com o homem e, portanto, ser de rela-

¹⁶ Ibid., p. 98.

¹⁷ DE LUBAC, H. *El misterio de lo sobrenatural*. Barcelona, Estela, 1970, p. 92.

¹⁸ Ibid., p. 219.

¹⁹ *Anales de Teologia*, v.4.2 / Outubro 2002, p. 107.

ção”²⁰. Desse modo, a resposta à fé encontra um princípio divino e outro subjetivo, ou seja, a iniciativa é divina e a resposta é humana. Deus mesmo concede a graça, oferece a possibilidade de crer, mas o sujeito, a pessoa, pode aceitar ou rejeitar tal oferta.

Como observaremos, o ser humano pode acolher a Revelação e dar a resposta pela fé, porque Deus mesmo oferece “as condições de possibilidade” de sua acolhida. “A doação primeira da graça é antes, necessariamente, uma doação primeira de disposição para amar e a profundidade dessa disposição na criatura decide sobre a capacidade da fé para ver o amor divino-absoluto que vai ao seu encontro”²¹.

A graça sobrenatural está dada na natureza humana. Deus, querendo comunicar seu amor ao ser humano, isto é, o que ele mesmo é, cria as condições para que ele possa receber esse amor²².

A Revelação não é um evento que acontece sem a participação humana, ou seja, algo exclusivamente exterior. Atua já *ad intra*, e por isso possibilita que o ser humano perceba que é o Mistério que se aproxima dele. A autocomunicação de Deus é evento da própria graça divina, daí sua designação sobrenatural. O ser humano é habitado por uma natureza espiritual e essa, por sua vez, é doada a ele pelo próprio Deus, o qual deseja doar-se ao ser humano.

Dessa forma, o “objeto da fé” somente pode ser visto e compreendido à luz da graça. “Somente na luz da graça é possível receber a luz do Evangelho”²³. Portanto, no ser humano, já habitam as possibilidades espiritual e sobrenatural para acolher a Deus. Todas essas verdades nos permitem vislumbrar que o fundamento e o núcleo íntimo da fé é o próprio Deus, que pela autocomunicação absoluta de si é para nós salvação.²⁴

A definição de graça deve partir obrigatoriamente do sujeito, da sua transcendentalidade e da sua experiência orientada (direcionada) necessariamente

²⁰ SESBOÛE, B. op. cit., p. 273.

²¹ BALTHASAR, H. U. v., O acesso à realidade de Deus, In *Mysterium Salutis*, v. 2/1, 1978, p. 32.

²² Cf. RAHNER, K., *Schriften zur Theologie*, v. 1, Einsiedeln, Benziger, 1954, p. 336-337.

²³ Id., *Schriften zur Theologie*, v. 9, Einsiedeln, Benziger, 1970, p. 507.

²⁴ Somente com ela há possibilidade de salvação. Essa graça (incriada) é sempre graça de Cristo. Rahner avança mais em sua reflexão e assinala que a história humana, enquanto “autocomunicação” de um Deus que age livre na história, encontra em Cristo o seu cume histórico-escatológico, bem como sua manifestação irreversível (Cf. Id., *Schriften zur Theologie*, v. 8, Einsiedeln: Benziger, 1967, p. 53). E afirma ainda, já que a Trindade e a Encarnação estão implicadas no mistério da graça, que eles não somente fazem parte do núcleo da Salvação e da Revelação, mas o constituem. Com isto ele explicita que é impossível falar de forma adequada dessa graça sem usar “categorias antropológico-transcendentais”. (Cf. *Ibid.*, p. 53).

para a verdade absoluta e para o amor que adquiriu uma validade eterna: que na sua essência mais profunda é chamado de mistério absoluto de Deus.²⁵

A graça, enquanto determinação Transcendental do ser humano, encontra lugar no que denominamos história da Salvação e da Revelação, a qual, por sua vez, não seria acessível caso o ser humano estivesse privado da possibilidade *a priori*, objeto sobre a qual desencadeia sua reflexão teológico-transcendental²⁶.

Para Karl Rahner, a graça penetra no mundo para curar e santificar.²⁷ Ela é essencialmente uma “determinação, elevação e divinização da natureza” e age no aperfeiçoamento da natureza.²⁸ Assinala que a ordem natural é “a condição de possibilidade” da ordem sobrenatural.²⁹

Para o mesmo autor, Deus não se limita a criar um mundo diferente dele, mas ele se autocomunica originalmente, fazendo-se assim “princípio interno do mundo”, o que é denominado graça.³⁰ Essa afirmação permite vislumbrar que Deus não somente cria um mundo diverso de si, mas Ele, em seu amor livre, doa-se à humanidade, o que nos faz atentar para o fato de que essa autodoação consiste na comunicação da salvação que é ele próprio no “mais íntimo do seu ser”³¹.

Quando nos referimos à graça rigorosamente sobrenatural, referimo-nos àquela que na comunicação de Deus, em sua própria essência e, por isso, é designada “graça indevida”. Este último termo quer enfatizar o caráter gratuito, proveniente do amor de Deus.³²

²⁵ Cf. *Ibid.*, p. 54.

²⁶ Cf. *Ibid.*, p. 112.

²⁷ Cf. *Id.*, *Sendung und Gnade*, Innsbruck-Wien, Tyrolia, 1961, p.52.

²⁸ Cf. *Ibid.*, p. 54-55.

²⁹ Cf. *Ibid.*, p. 64.

³⁰ Cf. *Id.*, *Schriften zur Theologie*, v. 8, p. 600; tb *Id.*, *Schriften zur Theologie*, v. 9, p. 231s. Quando nos referimos à graça rigorosamente sobrenatural, referimo-nos àquela que na comunicação de Deus, em sua própria essência e, por isso, é designada “graça indevida”. Com isso o ser humano em si é “incriado” mediante a autocomunicação de Deus, isto é, a ele é doado uma “graça criada”, já que ela não está já dada na natureza humana, mas é algo que ele indevidamente recebe da gratuidade e do amor de Deus (Cf. *Id.*, *Gnade*. In RAHNER, K. (Org.) *Sacramentum mundi*, v. 2, p. 457). Com o termo escolástico “graça criada” quer-se designar essencialmente a transformação justificadora interior, isto é, qualidade interior, ou ainda adesão interior motivada por Deus. (Cf. *Id.*, *Schriften zur Theologie*, v. 1, p. 352.) Tal mudança ontológica e determinação do ser humano são denominadas “graça criada”. Ela é o fundamento da relação especial entre o ser humano e Deus. Mas a graça criada e a graça incriada precisam ser pensadas necessariamente unidas, já que expressam diferentes dimensões da mesma realidade, isto é, a graça de Deus (Cf. *Id.*, *Schriften zur Theologie*, v. 1, 370). Assim, a graça incriada realiza-se mediante a graça criada.

³¹ Cf. *Id.*, *Schriften zur Theologie*, v. 8, p. 358.

³² *Id.*, *Gnade III: Zur Theologie der Gnade*. In RAHNER, K. (Org.) *Sacramentum mundi*, v. 2,

Com o termo escolástico “graça criada” quer-se designar essencialmente a transformação justificadora interior, isto é, qualidade interior, ou ainda adesão interior motivada por Deus.³³ Tal mudança ontológica e determinação do ser humano são denominadas “graça criada”. Ela é o fundamento da relação especial entre o ser humano e Deus. Mas a graça criada e a graça incriada precisam ser pensadas necessariamente como unidas, já que expressam diferentes dimensões da mesma realidade, isto é, a graça de Deus.³⁴ Assim, a graça incriada realiza-se mediante a graça criada.

Torna-se indispensável compreender que a doação da graça e a Encarnação constituem as bases da autocomunicação de Deus e chegam ao ser humano por causa da sua transcendência. A Revelação, desse modo, não será totalmente estranha e externa ao ser humano, mas explicitará aquilo que já somos desde o princípio por graça e que não vem sendo experimentado tematicamente na infinitude da transcendência humana.³⁵ É algo que concerne à existência concreta, sendo, ao mesmo tempo, sobrenatural (existencial sobrenatural).

Com isso, o autor expressa que a pessoa, na experiência da sua transcendência, ou melhor, na sua abertura ilimitada, a qual não é reflexa, já experimenta a oferta da graça, sem ter necessariamente consciência dela.

O acolhimento da autocomunicação de Deus, para o teólogo alemão, deve-se à própria oferta que Deus faz de si para todas as pessoas, ou seja, a aceitação da graça é obra da graça, o que permite verificar a relação existente entre a transcendência humana enquanto liberdade e o horizonte “que abre e movimentava essa transcendência”³⁶.

É nessa experiência que a pessoa se percebe como ente finito e categorial, como totalmente remetido e vinculado ao Ser absoluto e ao mesmo tempo totalmente divergente dele.³⁷ E esta realidade pode ser denominada como “o milagre indevido do livre amor de Deus que faz o próprio Deus ser o princípio interno e ‘objeto’ da realização da existência humana”³⁸.

Queremos, com isso, sinalizar que a graça sobrenatural não reside em qualquer ajuda humana, mas é, em última instância, Deus mesmo, como mistério infinito. Em sua realidade, Ele se autocomunica à pessoa humana

Freiburg, Herder, 1968, p. 457.

³³ Cf. Id., *Schriften zur Theologie*, v. 1, p. 352.

³⁴ Ibid, p. 370.

³⁵ Cf. Id., *Schriften zur Theologie*, v. 6, p. 567-538.

³⁶ Cf. Id., *Grundkurs des Glaubens*, Freiburg-Basel-Wien, Herder, 1978, p. 124-125.

³⁷ Cf. Ibid., p. 125.

³⁸ Ibid.

e assim não somente possibilita o crer, mas também sustenta o ato de fé. E ela encontra seu fundamento no próprio ser de Deus.³⁹ Tal fato torna compreensível a afirmação de Rahner de que acreditamos para “dentro de Deus”. E, como é óbvio, se refere somente à fé em Deus e não a outras realidades cridas por nós.⁴⁰

Tudo isso evidencia que a graça é fundamentalmente Deus, o qual por intermédio de sua autocomunicação, possibilita ao ser humano crer e ao mesmo tempo alimenta sua esperança. Assim, a fé e a esperança no crido e esperado – “o Deus da vida eterna” – é o princípio interno *a priori* da fé e da esperança.⁴¹

Graça de Deus e salvação

A graça de Deus é o que torna possível a recepção humana do amor e da benevolência livre de Deus, comunicados por meio de Cristo ao ser humano, para salvá-lo.⁴² Por sua vez, a ação graciosa sobrenatural que atua no ser humano pode ser designada de “*fides (caritate viva)*”.⁴³ Por isso a fé de fato é graça e ação de Deus em Cristo e, portanto tem um derradeiro significado de salvação.⁴⁴ Sendo assim, a graça de Deus jamais pode ser reduzida a uma coisa, pois ela é a determinada condição da pessoa espiritual, ou melhor, é o próprio Deus que age no ser humano para que ele possa acolher na fé a salvação.

A graça é indevida, uma vez que consiste na determinação que vem por mérito exclusivo de Deus. E como não poderia ser diferente, ela se realiza na natureza humana, visto que essa última é a condição de possibilidade para que a primeira aja na vida humana, tornando-se patente que Deus mesmo potencializa o ser humano para a fé.⁴⁵

Deus, mediante sua graça, constitui-se “o fim da nossa esperança”. Ele mesmo é a razão da esperança humana e quem a possibilita, o que não necessariamente sucede reflexamente. Quando a pessoa humana acolhe essa dinâmica interna, ela já realiza um ato de fé, mesmo que não seja expresso num ato religioso.

³⁹ Cf. Id., *Schriften zur Theologie*, v. 5, p. 387.

⁴⁰ Cf. Ibid., p. 317.

⁴¹ Cf. Id., *Schriften zur Theologie*, v. 6, p. 358.

⁴² Cf. Id., *Schriften zur Theologie*, v. 4, p. 257.

⁴³ Cf. Ibid., p. 258.

⁴⁴ Cf. Ibid., p. 259-260.

⁴⁵ Cf. Id., *Schriften zur Theologie*, v. 6, p. 93.

Percebe-se que o ser humano tem a potencialidade de transcender-se, pela graça de Deus, e de abrir-se ao Outro (Deus). E, para averiguar se uma experiência é decorrente da graça de Deus, tem-se como parâmetro e prisma a mensagem do Evangelho, a Escritura e a consciência de fé da Igreja.⁴⁶

Se, por um lado, já comungamos da unidade mediante a graça justificadora, há uma grande defasagem no âmbito do discurso, da reflexão e da sociabilidade.⁴⁷ O afirmado indica que aquela unidade que nos é indevidamente comunicada pela graça de Cristo, precisa ser edificada, crescer em nós e mostrar-se socialmente. O tema estudado exige que nosso olhar se volte agora para a relação fé e salvação.

A relação fé e salvação

Sabemos que a fé leva à salvação (cf. Hb 11, 6). Em outros termos, a fé é, na compreensão cristã, fonte de salvação.⁴⁸ Nesse sentido, a fé consiste na adesão, assentimento à autocomunicação de Deus.⁴⁹ Por essa mesma fé sabemos que Deus se autocomunicou em Jesus de Nazaré.⁵⁰ E não somente isso, mas também oferece a cada pessoa a salvação graciosa sobrenatural, na qual lhe é aberto o caminho para participar da vida de Deus. Essa “vontade salvífica universal de Deus em Cristo” corresponde ao que ele denomina como “vontade da autocomunicação de Deus à criatura espiritual”. Torna-se patente, assim, que a autocomunicação de Deus à criatura espiritual é conferida pelo menos na modalidade de oferta e dada antecipadamente para a acolhida na fé.⁵¹

A salvação, a qual é oferecida a todo ser humano e na peregrinação terrena tem seu estágio inicial, se concretiza definitivamente na vida eterna, desde que o ser humano não se feche em seu egoísmo e, assim, não permita que Deus aja em sua existência. Percebemos, então, que Deus é a salvação e a força necessária à sua recepção, Deus mesmo é o conteúdo da salvação. Ou ainda, essa autocomunicação de Deus tem como fim a salvação humana, e sua acolhida acontece necessariamente em liberdade.⁵²

⁴⁶ Cf. *Ibid.*, p. 72.

⁴⁷ Cf. LEHMANN, K.; RAFFELT, A. (Orgs.) Karl Rahner: *Sämtliche Werke*, v. 27, p. 92.

⁴⁸ Cf. *Id.*, *Schriften zur Theologie*, v. 5, p. 520.

⁴⁹ Cf. *Id.*, *Schriften zur Theologie*, v. 8, p. 195.

⁵⁰ Cf. *Ibid.*, p. 216.

⁵¹ Cf. *Id.*, *Schriften zur Theologie*, v. 8, p. 359-362.

⁵² Cf. *Ibid.*, p. 359.

É sabido também que não há salvação sem fé e que não é suficiente um conhecimento filosófico, mas sim o encontro com o Deus que se revela pessoalmente⁵³. Obviamente aqui não se trata de uma fé explícita deste ou aquele artigo de fé, mas sim:

uma fé que seja simplesmente a aceitação obediente da autotranscendência sobrenaturalmente elevada do homem, a obediente aceitação de sua referência transcendental para com o Deus da vida eterna, que enquanto modalidade *apriorística* da consciência tem o caráter de comunicação divina.⁵⁴

Desse modo, quando falamos da salvação do ser humano compreendemos a redenção total da pessoa.⁵⁵ Essa salvação se realiza por meio de Jesus Cristo, precisamente, mediante sua morte e ressurreição.⁵⁶

A pessoa humana não somente está co-relacionada com muitas coisas na vida, das quais deve dar conta e se preocupar, mas tem uma tarefa específica, a qual pode ser designada como preocupação pela salvação. Ela pode desenvolver essa tarefa de múltiplas formas. Ou ainda, esquecê-la ou suprimi-la. Como sabemos, o cumprimento de sua missão está condicionado a tantas coisas, as quais não se encontram unicamente no poder da pessoa.⁵⁷

Assim, com base na vontade salvífica ilimitada e universal de Deus, a qual já é conferida ao ser humano mediante a graça, já está dada a possibilidade da fé, por causa dessa gratuita elevação sobrenatural.⁵⁸

E, por fim, nosso último enfoque se voltará à Igreja, visto que ela é compreendida como instituição de salvação e como mediadora da comunicação da graça, principalmente da graça sacramental.

Igreja, instituição de salvação

Igreja é “instituição de salvação”, porque a ela foi confiada a representação visível e histórica da salvação definitiva, essencialmente nos sacramentos e na palavra. Nos sacramentos é visibilizada a presença de Cristo e na palavra são comunicadas as ações de Cristo.⁵⁹ A Igreja toda é regida pelo *Kyrios* celeste,

⁵³ Cf. Id., *Grundkurs des Glaubens*, p. 152.

⁵⁴ Ibid., p. 156.

⁵⁵ Cf. Id., *Schriften zur Theologie*, v. 15, p. 238-239.

⁵⁶ Cf. Ibid., p. 244-246.

⁵⁷ Cf. Id., *Schriften zur Theologie*, v. 13, p. 258.

⁵⁸ Cf. Id., *Schriften zur Theologie*, v. 12, p. 79.

⁵⁹ RAHNER, K., *Curso fundamental da fé*, p. 46.

porque Cristo junto com o Pai enviou o Espírito (cf. Jo 14, 16-26; 15,26), o enviou sobre os apóstolos (cf. Jo 13, 16-20; 17,18).

E toda sua existência é símbolo da presença salvífica e santificadora de Deus. É nela que Cristo age, para que se edifique enquanto comunicadora da graça divina e ao mesmo tempo enquanto estrutura. Assim, ela é sinal e causa eficaz da presença e ação de Deus, tendo sua máxima visibilidade na Palavra de Deus e nos sacramentos. Não pode de maneira alguma centrar os sacramentos em si mesma, mas na vontade divina, inscrita na Sagrada Escritura.⁶⁰

A comunidade de fé pode ser designada como sacramento e instrumento de salvação na sua estreita relação com Cristo, porque ele mesmo a cumulou com seus dons, lhe comunicou seus sinais de graça e salvação, potenciando-a a prolongar seus mistérios e executar suas obras salvíficas.⁶¹ Assim como podemos chamar Cristo de sacramento do Pai, também a Igreja é sacramento de Cristo, porque é sinal sensível da sua presença, atuação e ao mesmo tempo forma pela qual a graça divina chega aos seres humanos.

Os sacramentos são expressões da graça salvífica de Jesus Cristo e são eficazes por serem obras do próprio Deus, que no Cristo glorificado age e torna fecunda toda ação sacramental.

Assim, nesta nossa reflexão objetivamos destacar alguns elementos teológicos que assinalam como Deus dispõe do ser humano mediante a sua graça, para lhe comunicar vida e salvação.

Referências

- AGOSTINHO, S. *A Graça*, v. 1. São Paulo: Paulus, 1999.
- ALFARO, J. Glaube. In RAHNER, K. (Org). *Sacramentum mundi: theologisches Lexikon für die Praxis*. v. 2. Freiburg: Herder, 1968, p. 390-409.
- Anales de Teologia*, v.4.2 / Outubro 2002.
- AQUINO, T. *Suma Teológica*. v. 4. São Paulo: Loyola, 2005.
- BALTHASAR, H. U. v., O acesso à realidade de Deus, In *Mysterium Salutis*, v. 2/1, 1978.
- COLLANTES, J. (Org.). *A fé católica: documentos do magistério da igreja: das origens aos nossos dias*. Anápolis(GO)/ Rio de Janeiro: Diocese de Anápolis/Mosteiro de São Bento, 2003.
- DE LUBAC, H. *El misterio de lo sobrenatural*. Barcelona: Estela, 1970.
- GARCÍA-ALÓS, J. L. M. *El "existencial sobrenatural": clave interpretativa de la antropoteologia de Karl Rahner*. Barcelona: Santander, 1993.

⁶⁰ RAHNER, K., *Kirche und sakramente*, Freiburg, Herder, 1960. p. 36.

⁶¹ *Ibid.*, p. 128.

- LEHMANN, K.; RAFFELT, A. (Org.) RAHNER, K: Sämtliche Werke. v. 27. Einheit in Vielfalt: Schriften zur Ökumenischen Theologie. Freiburg: Herder, 2002.
- RAHNER, K., Existential II: Theologische Anwendung. In RAHNER, K. (Org.) *Sacramentum mundi: theologisches Lexikon für die Praxis*. v. 1. Freiburg: Herder, 1968, p. 1298-1300.
- _____. Gnade III: Zur Theologie der Gnade. In RAHNER, K. (Org.) *Sacramentum mundi: theologisches Lexikon für die Praxis*. v. 2. Freiburg: Herder, 1968, p. 450-465.
- _____. *Grundkurs des Glaubens: Einführung in den Begriff des Christentums*. Freiburg-Basel-Wien: Herder, 1978. (Trad. *Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1989).
- _____. *Kirche und sakramente*, Freiburg : Herder, 1960.
- _____. *Schriften zur Theologie*. v. 1. Einsiedeln: Benziger, 1954.
- _____. *Schriften zur Theologie: neuere Schriften*. v. 4. Einsiedeln: Benziger, 1961.
- _____. *Schriften zur Theologie: neuere Schriften*. v. 5. Zurich: Benziger, 1968.
- _____. *Schriften zur Theologie: neuere Schriften*. v. 6. Einsiedeln: Benziger, 1965.
- _____. *Schriften zur Theologie*. v. 8. Einsiedeln: Benziger, 1967.
- _____. *Schriften zur Theologie*. v. 9. Einsiedeln: Benziger, 1970.
- _____. *Schriften zur Theologie*. v. 12. Einsiedeln: Benziger, 1975.
- _____. *Schriften Zur Theologie: Gott und Offenbarung*. v. 13. Zurich: Benziger, 1978.
- _____. *Schriften zur Theologie: Wissenschaft und christlicher Glaube*. v. 15. Einsiedeln: Benziger, 1983.
- _____. *Sendung und Gnade: Beiträge zur Pastoraltheologie*. Innsbruck-Wien: Tyrolia, 1961.
- SESBOÛÉ, B. (Org.). *O Homem e sua salvação (séc. V-XVII), II: Antropologia Cristã*. São Paulo: Loyola, 2003.